

CÂNDIDA FORTES BRANDÃO: NECROLÓGIO DA PROFESSORA E ESCRITORA

Maria Eunice Moreira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
maria.eunice@puccrs.br

1922 foi um ano significativo para a história brasileira: no mês de fevereiro, em São Paulo, uma turma de jovens realizou um evento um tanto ousado, com o objetivo de “sacudir” a vida cultural e apresentar os novos ares nas artes. Essa reunião, que ficou conhecida como Semana de Arte Moderna (e nem semana foi!), teria repercussão na história da literatura brasileira pelos anos vindouros. Outro evento importante viveu o país nesse mesmo ano: a comemoração do centenário da Independência, efeméride que movimentou todos os rincões brasileiros, em setembro de 1922.

Em novembro de 1922, na cidade de Cachoeira do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, faleceu a professora Cândida Fortes Brandão. Talvez Cândida não tivesse notícias da Semana de São Paulo, pois já doente e vivendo distante dos palcos desses acontecimentos, não teve oportunidade de conhecer a nova aventura cultural. Sobre a comemoração da Independência, Cândida vinha preparando seus alunos para a festa estudantil do dia 7 de setembro. Quis, porém, a fortuna que ela não participasse dessas comemorações, em virtude de seu estado de saúde debilitado.

Nesse ano de 22, Cândida era a diretora e também professora do Colégio Elementar de Cachoeira do Sul, sua cidade natal, de onde saía apenas para cursar a Escola Normal em Porto Alegre, ainda no século XIX. Formada, voltou a Cachoeira e ali permaneceu, exercendo sua atividade profissional com muito empenho e dedicação. Além de professora, Cândida foi também poeta e jornalista. Ainda jovem, escreveu seu único livro *Fantasia*, publicado em 1897 pelas Oficinas do *Correio do Povo* de Porto Alegre. Dividido em duas partes e assinado sob dois pseudônimos, a obra reúne um conjunto de poemas, sob o título “Revérberos” e assinados como Canolifor, a que se segue um conjunto de narrativas, sob o título “Contos a minhas irmãs”, para os quais se valeu do pseudônimo Marina.

Os demais poemas que escreveu ao longo da vida não mereceram publicação em livro, mas se espalharam por periódicos do Brasil e chegaram até Portugal, onde alguns foram publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Lisboa. De tendência romântica, de um Romantismo já ultrapassado, os versos expressam sentimentos pessoais, homenagens a pessoas e à sua cidade natal. Com o passar dos anos, sua poesia assumiu um posicionamento mais político, comprometidos com os ideais abolicionistas e republicanos. No jornal *O Commercio*, de sua terra, veículo para o qual escreveu uma série de textos sob o título “Cartas a Lúcia”, divulgou suas ideias sobre educação, deu conselhos às mães e formadoras de família, discutiu também as teorias científicas, como o positivismo e as doutrinas espíritas. Ousadamente, abria a boca sobre assuntos pouco afeitos às mulheres, quando se esperava que ela apenas se calasse e cumprisse seu papel doméstico.

Quando Cândida morreu, em 4 de novembro de 1922, cessou essa voz vibrante e inteligente, que seus alunos, colegas e a comunidade em geral estavam habituados a ouvir e a seguir. Por isso, Cachoeira do Sul expressou seu pesar no necrológio publicado nas páginas do jornal *O Commercio*, e manifestou-se por diversas formas para lamentar a perda da professora, escritora e guia.

O necrológio abaixo transcrito tem um significado múltiplo: a) registra as diferentes manifestações da sociedade cachoeirense, expressas nas mensagens enviadas por familiares (esposo, irmãs, cunhados e sobrinhos), colegas de magistério (professores e alunos), servidores (a

“criada” Fiúza), pessoas de suas relações (amigas, comadres e vizinhas), permitindo conhecer a influência e a presença dessa mulher junto à sua comunidade pessoal e profissional; b) permite conhecer as formas de socialização empregadas no início do século XX, através de expressões próprias da época: “homenagem, lembrança, saudades, tributos, último adeus”, palavras escritas nas coroas que acompanharam o féretro; c) destaca o periódico, no caso, *O Commercio*, como veículo de divulgação e registro dos acontecimentos de uma comunidade.

Eis o texto publicado em *O Commercio*, no dia 8 de novembro de 1922, à página 1:

Cândida Fortes Brandão

É ainda sob a emoção de uma profunda dor que pegamos na pena para transmitirmos aos nossos leitores a contristadora nova de que Cândida Fortes Brandão, a ilustre conterrânea, excelsa poetisa e grande educacionista, já não existe mais entre os vivos.

Desde alguns meses achava-se enferma; porém o zelo que tinha pelo bom desempenho do seu árduo encargo de diretora do Colégio Elementar, no qual queria pessoalmente dirigir todos preparativos para que aquele estabelecimento de ensino celebrasse condignamente o centenário da nossa independência política, fizeram-na esquecer o zelo pela sua saúde e pela sua vida, preciosa sob tantos pontos de vista.

Em princípios de setembro findo a enferma viajou a Porto Alegre, onde consultaram respeitados especialistas que, infelizmente diagnosticaram enfermidade grave. Regressando, D. Cândida esteve aqui aos cuidados do ilustre facultativo Dr. Sílvio Scopel, que, apesar dos esforços empregados, conjugados com os desvelos das pessoas da família, nada pôde conseguir no sentido de restabelecer-lhe a saúde alterada.

Cândida Fortes Brandão nasceu nesta cidade, a 23 de abril de 1862, como filha legítima de Fidêncio Pereira Fortes, natural do Rio de Janeiro, e de Clarinda de Oliveira Fortes, natural de Santa Catarina¹, falecidos há anos, em Cachoeira.

Era professora pública diplomada em 1885 pela extinta Escola Normal de Porto Alegre, onde exerceu o magistério público, depois de tê-lo exercido nesta cidade, para onde, mais tarde, retornou, mantendo uma aula pública mista. Ultimamente exercia o cargo de diretora do Colégio Elementar “Antônio Vicente da Fontoura”, de cujo posto veio a morte arrebatá-la².

Contava 60 anos de idade e 37 de serviço profissional. A 28 de outubro de 1901 casou-se com Augusto César Brandão, ex-promotor público da comarca e atualmente juiz distrital da sede.

Não existem filhos do seu matrimônio.

Desde jovem a ilustre extinta dedicou a sua formosa inteligência ao exercício do jornalismo e da literatura, em que brilhou, tanto na prosa como no verso, o qual burilava com grande correção, demonstrando elevada inspiração. Tanto lhe era familiar o estilo simples, que escrevia para a compreensão das classes populares, como o estilo finamente literário, somente ao alcance das pessoas cultas.

Escreveu em vários jornais locais, desde o tempo da propaganda republicana, sendo, desde o ano de 1902, assídua colaboradora de *O Commercio*, em cujas colunas revelou a sua atividade criadora e a facilidade assimiladora de sua extraordinária inteligência escrevendo sobre os mais variados assuntos: educação e ensino, crítica dos costumes, agricultura e outros problemas da vida prática, produzindo artigos, contos e poesias que assinava ora com pseudônimo feminino³, ora com pseudônimo masculino⁴.

¹ Clarinda Oliveira Fortes era natural de Cachoeira do Sul. Sua família era de origem catarinense, do que resultou o equívoco.

² Não há informações de que Cândida Fortes tenha exercido a docência em outra localidade. Suas atividades desenvolveram-se exclusivamente em Cachoeira do Sul.

³ São conhecidos dois pseudônimos femininos: Canolifor e Marina, usados, respetivamente para identificar as duas partes do livro *Fantasia* (1897). Sob o primeiro, escreveu os poemas da primeira parte do livro, “Revérberos”, sob o segundo, assinou a segunda parte, com narrativas, “Contos a minhas irmãs”.

⁴ Cândida usou o pseudônimo masculino Walter.

De alguns anos a esta parte, os sofrimentos físicos já não lhe permitiam, senão raras vezes, o exercício da ocupação predileta de escrever para o público. O ultimo voo elevado de sua grandiosa inspiração poética foi, a nosso ver, a poesia que compôs por ocasião do falecimento do saudoso Barão do Rio Branco, em fevereiro de 1912, que teve a honra de ser escolhida entre muitas produções poéticas, vindas de diversos Estados da República, para ser recitada no cemitério em que repousa aquele grande vulto da Pátria, por ocasião das exéquias de 30º dia, perante uma massa de povo, sendo, depois, publicada nalguns jornais da metrópole.

A obra literária da extinta está quase toda dispersa em jornais e revistas, existindo, impresso, o livro *Fantasia*, de sua lavra.

O Commercio deplora, com a sociedade cachoeirense, a perda da ilustre e virtuosa senhora, cuja vida foi um exemplo de dedicação ao magistério público e de amor ao trabalho, e, curvando-se reverentemente ante o túmulo que encerra os seus preciosos despojos mortais, nele desfolha as pétalas de uma saudade imperecível.

E, para consolar-nos da grande dor íntima que sentimos com a perda de quem, com tanta superioridade e com tanto fulgor contribuiu, espontaneamente, por tantos anos, para o brilho intelectual desta folha – dor que não deixa a inspiração achar termos e frases com que celebremos condignamente a refulgência do seu áureo talento, digamos, com o poeta:

Mortos são os que, sem consolo choramos,
E que a saudade torna ao nosso olhar presentes;
Cuja recordação fielmente guardamos,
Esses mortos, não são, mas apenas ausentes!

A triste nova, embora esperada a qualquer momento, em razão do precário estado de saúde da extinta, compungiu profundamente a nossa população, em cujo seio D. Cândida exerceu, com zelo e competência inexcusáveis, o sublime e árduo mister de iniciar as crianças na senda do saber, sendo, na frase lapidar da grande escritora Júlia Lopes de Almeida, “a mãe intelectual do povo cachoeirense”.

Logo às primeiras horas da manhã a casa mortuária encheu-se de pessoas amigas e relacionadas, que foram levar pêsames e partilhar da mágoa da família que tão grande e irreparável perda sofrera.

Sábado, às 4 e meia da tarde, os despojos mortais da grande educacionista foram levados à tumba, repousando no seio maternal da terra cachoeirense, que orgulha-se de ter sido o seu berço e ter ouvido os primeiros vagidos da sua infância.

Todas as classes sociais estavam representadas nas cerimônias fúnebres, que estiveram concorridíssimas.

Seguiam o corpo as professoras e muitos alunos do Colégio Elementar, conduzindo flores e, envoltos em crepe, os estandartes daquele estabelecimento de ensino e do Apostolado da Oração; alunos da aula pública da professora D. Antonieta Gouvêa; uma comissão de alunos do Ginásio Rio Branco; uma comissão de aspirantes do Tiro de Guerra 254; uma comissão da Loja Maçônica Ordem e Progresso, composta dos srs. Rodrigo Martiñez, Hermilo Pohlmann, Caetano Patta e Romualdo Chaves.

O corpo, saindo da rua Moron, foi encomendado na Igreja Matriz e conduzido, a mão até ao Cemitério das Irmandades, sendo as alças do caixão disputadas por exmas. sras. e senhoritas, e também pelo grupo de aspirantes do Tiro 254, que, como muitos outros cidadãos, queriam render essa derradeira homenagem.

No cemitério fez uso da palavra o nosso colaborador Ernesto Barros, que produziu uma comovente oração, em que exalçou as grandes qualidades da extinta.

Inúmeras coroas cobriam o ataúde, entre as quais notamos, além de outras, as dedicatórias seguintes:

Tributo de amor conjugal de teu desolado esposo; Homenagem do Corpo Docente do

Colégio Elementar; À sua dedicada e inesquecível colaboradora – Homenagem de saudade e reconhecimento de *O Commercio*; Homenagem da Municipalidade de Cachoeira; Saudades do sobrinho Ernesto Gomes; Recordações e saudades dos amigos Olmiro A. Silva e família; Lembrança da amiga Julieta Almeida; Homenagem de João Neves da Fontoura; Adeus afetuoso dos sobrinhos e compadres Affonso e Jenny; À querida madrinha, beijos da Dinah; Lágrimas sentidas das irmãs Emiliana e Francelina; Recordações da amiga Emília Praia de Sá; Gratidão e saudade dos sobrinhos Clarinda e Honorino; Recordações de Dulce e Hilda; Lembrança de Jary e Annita; Recordação de Vanda Abreu; Lembrança dos primos Arthur e Florinda Carpes; Último adeus dos cunhados Hilário e Chininha; Último adeus das sobrinhas Célia, Georgina, Annita e Mail; Lembrança da sua criada Fiúza; Saudades dos cunhados Duquinha, Sabino e filhos; À boa diretora, lembrança de João Costa; Saudosa homenagem do irmão Antenor Brandão; Homenagem da família Bidone; À nossa boa vizinha, lembrança da família Simões; À prezadíssima amiga, lembrança de Dolores e Felipe Moser; Gratidão eterna de Hermínia, Mariana e Francisca Fontoura; Saudades de teus sobrinhos Wadih e Lucília; Homenagem de Francisca Barros de Araújo; Lembranças de Miloca Xavier; Homenagem de Mário Barros e família; Homenagem de João Möller e família; Derradeira adeus de Ballinha Brandão; Lembrança de Diamantina Menezes; Homenagem de Carlos Barros e esposa; Homenagem de Ernesto Barros; Homenagem da amiga Rosa Pereira e família; Lembrança de Pedro e Joãozinho; Último adeus de Georgina Fialho e filhos; à Boa vizinha Candoca, eternas saudades de André e família; Recordação dos alunos do Colégio Elementar; À boa amiga – sinceras saudades da Lucília Florence; Homenagem de Ezequiel Florence e família; Lembrança de Carmelina V. Brilhante e filhos; Homenagem de Dionysio Marques e família; Lembrança de João Leitão e família; Lembrança de Antenor e Mercedinha; Recordações de Antonina E. Fortes e filhos; Sincera homenagem das amigas Julieta Alves e família; Lembrança de Arthur d'Ávila e família; Homenagem de Pedro Stringuini e filhos; Lembrança da aluna Faride Choayri; Último adeus do aluno Francisco Juliani; Lembranças das alunas Jandir e Cléo Santos; À boa amiga – homenagem de Ophelia e Benjamin Camozato; Lembrança de Malaquias Tinguá; Homenagem à nossa diretora, das alunas Joanna Casses e Wlady Cardoso; Homenagem de Mário G. Ilha e família; Lembrança de Ernani Prätzel; Tristes recordações da tua comadre Miguelina F. Lisboa e filhos.

A imprensa local esteve representada no ato, comparecendo, por esta folha, o nosso companheiro Guilherme Antônio Möller.

Nossas sentidas condolências ao seu viúvo, aos seus cunhados, irmãs e sobrinhos.

Para concluir, reproduzo também o agradecimento mandado publicar pela família de Cândida Fortes Brandão, no mesmo jornal *O Commercio*, de 15 de novembro de 1922, à página 2:

Agradecimento

Ainda feridos com a irreparável perda de nossa querida e inesquecível esposa, irmã e tia

Cândida Fortes Brandão

falecida a 4 do corrente, vimos, por este meio, manifestar o nosso reconhecimento a todos que nos acompanharam nessa aflitiva emergência.

Agradecemos profundamente a todos que, compartilhando de nossa imensa dor, compareceram às cerimônias fúnebres de encomendação e sepultamento do corpo da querida Candoca, e nos manifestaram os seus sentimentos de pesar – pessoalmente, por fonogramas, telegramas, cartas e cartões, e enviaram coroas e *bouquets*, com significativos dizeres à extinta.

Ao bom amigo Ernesto Barros, aqui consignamos, especialmente, a nossa perene gratidão, pela bela oração que, em nome dos alunos do Colégio Elementar, proferiu no ato de baixar o corpo à eterna mansão dos justos.

Ao também nosso bom amigo Padre Luiz Scortegagna, vigário da Paróquia, agradecemos a confortadora visita à enferma e a administração do sacramento religioso, que prestou-lhe em seu leito de dor e agonia.

Outrossim, aqui deixamos grafada, para sempre, do intimo da alma, a nossa gratidão e reconhecimento ao ilustrado e humanitário clínico Sr. Dr. Sílvio Scopel, pela dedicação e desvelo inexcedíveis com que sempre, até a tardias horas da noite, assistiu a enferma, com verdadeiro carinho fraternal, tendo tido a desventura de vê-la exalar o derradeiro alento da vida! Pelo muito que fez, para salvar aquela preciosa existência, este provector sacerdote da ciência médica se tornou credor de nossa mais leal amizade, como ainda no leito da dor, teve oportunidade de manifestar-lhe a cliente, dele também despedindo-se, serenamente, com grandeza de alma e coração!

Queira o magnânimo esculápio perdoar-nos, se com estas nossas sinceras e justas expressões, mareadas de lágrimas, porém ditadas pelo coração alanceado, vimos suscetibilizar a sua reconhecida modéstia.

O nosso agradecimento é extensivo aos ilustres e distintos médicos, Srs. Drs. Balthazar de Bem, Marajó de Barros, José Félix Garcia, Barbosa Escobar, Plínio Gama e Mário Totta, os dois últimos, de Porto Alegre, pois que, todos, atenderam solícitamente a pranteada extinta, quando reclamados os seus serviços profissionais; e à imprensa local, pelas honrosas referências feitas à mesma.

A todos, pois, manifestamos, de público, a nossa gratidão e reconhecimento.

Cachoeira, 11 de novembro de 1922

Augusto Brandão
Emiliana Fortes
Francelina Fortes,
Affonso Fortes
Lucilia Fortes Mahaz
Wadih Mahaz

Referências

O Commercio, Cachoeira do Sul, 8 nov. 1922.

O Commercio, Cachoeira do Sul, 15 nov. 1922.

Recebido em: 23 jul. 2020.

Aprovado em: 11 ago. 2020.